

Jaime Gralheiro
**Na Barca
com Mestre Gil**

– Texto para um espectáculo
de Teatro Popular
centrado em Gil Vicente



Na Barca com Mestre Gil

Título: Na Barca com Mestre Gil

Autor: Jaime Gralheiro

Capa e arranjo gráfico: José Araújo

Revisão tipográfica: João Loureiro

© Editorial Caminho, SARL
Lisboa, 1978

N.º de edição: 9/78 $\frac{83 (265.250)}{29.500}$

Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Tiragem: 3000 exemplares

Data de impressão: 17 de Março de 1978

Jaime Gralheiro

junho 1936



Na Barca com Mestre Gil

RECREAÇÃO DRAMÁTICA

Texto para um espectáculo de Teatro Popular,
centrado em Gil Vicente



letras

primeiro acto

CENA I

*Surge um Arlequim com grandes saltos e piruetas.
Música adrede. Findo o seu jogo anuncia:*

jogo / 106

ARLEQUIM

Conforme é da tradição,
E nós, cá, temos por bem,
Aqui está a apresentação
Deste auto, como convém.

Vamos ter hoje entre nós
Mestre Gil Vicente — e veremos,
Se tantos anos após,
Inda com ele aprendemos.

E S. Mestre Gil nos valha
Nesta empresa, com seus zelos.
Porque senão a canalha
Até nos morde os tornozelos.

(Chamando)

Mestre Gil, ouh Mestre Gil!
Lá noutro mundo onde estais
Apontai-me esse fuzil
E ajudai cá o rapaz...

Mestre Gil, ouh Mestre Gil!
Estais a ouvir, ou berro mais...

GIL VICENTE

(Aparecendo inesperadamente)

Calai-vos i aguazil
Do demo!/Porque senão rebentais!

ARLEQUIM

Mestre Gil, oh!, honra tanta!...
Mestre Gil, em carne e osso!...
Ai!, que me seca a garganta.
Aqui d'el-rei que eu não posso!...

GIL VICENTE

À bofé! de quem eu sou
Te juro, triste vilão,
Que logo daqui me vou
Se não mostrar mais... razão!...

Como pode isto ser,
Como pode caminhar.
Se quem tem al por mister
Não é capaz, nem sequer,
De ver, ouvir e... falar!...

(S.) Mestre Gil (Vicente)
O Teatro (um arlequim) jornalista

ARLEQUIM

E falar?...

GIL VICENTE

Passou-te o gogo!

ARLEQUIM

Quasi, quasi... Ainda não!

GIL VICENTE

Então aguenta, logo!
E abre os olhos, rascão!
Tu quem és?

ARLEQUIM

O Teatro, Mestre Gil!

GIL VICENTE

O Teatro?! Quero rir!
Ó enrascado senil,
Tu Teatro!... Tu és nada!
Se me voltas a insultar
Dou-te tanta borregada *inferno*
Que hás-de esticar o pernil!
O Teatro, este sonso!...
Teatro é estar de pé
Onde os outros estão de gatas!

ARLEQUIM

Bonito vai o responso!
Mas dissei-me cá:
Quem suporta tanta carga?
Há-de ser só o rapaz!?

GIL VICENTE

Mas que carga, Berbezu?

ARLEQUIM

Mas que carga, Mestre Gil!
Bem se vê que foi gentil
O vento que assoprava
Nesse tempo em que vivestes!

GIL VICENTE

Vivi em tempo revolto...

ARLEQUIM

Mas um tempo em que era solto
O pensamento...

JORNALISTA

(Entrando)

E é aqui que reside toda a questão. Lendo-se ou vendo-se representadas, hoje, as comédias, as farsas ou os autos de Mestre Gil, o que mais choca é a liberdade de expressão, a liberdade de tratamento com que

Gil Vicente atacava os podres da sociedade de seu tempo, indicando nomes e situações concretas.

Ora, dado que hoje ⁽²⁾ o Teatro está praticamente morto, em Portugal, e no tempo de Mestre Gil ele atingiu uma força e importância, únicas na história da nossa cultura, seria interessante procurarmos saber, da sua própria boca, algumas razões desta decadência.

*(Dirige-se a Gil Vicente
e em atitudes de jornalista; entrevista-o.)*

Mestre Gil, gostaríamos de saber a sua opinião sobre certos e determinados pontos que nos parecem decisivos para a vida do Teatro em Portugal!

GIL VICENTE

Sois, em bonora, gazeteiro?

JORNALISTA

Isso sou!

GIL VICENTE

E p'ra que jornais escrevês?

JORNALISTA

Isso que importa? Salvo um ou dois, ou três... Eles são todos iguais ⁽³⁾!

GIL VICENTE

Certo é/ Mas há alguns, benza-os Deus!

JORNALISTA

E se fosse p'rá TV, ou mesmo p'rá Emissora (4)?

GIL VICENTE

E zombatais, vós de mim?
Gazeteiro, vai-te embora...

JORNALISTA

Mestre Gil, não esqueçais/que a TV já levou/as
Barcas mais que uma vez.

GIL VICENTE

Isso é verdade.
Al, porém, não a absolve
Do que não fez,
E devia fazer,
Em proveito da cultura
Deste Povo português.

JORNALISTA

Sois impiedoso, Mestre!

GIL VICENTE

Acostumado estou
A atacar o mal
Esteja ele onde estiver...

JORNALISTA

E sempre o pudeste fazer?

GIL VICENTE

Essa conversa é outra.

JORNALISTA

Contai a estas gentes, quanto vos custou investir
contra tanta sem vergonha!

GIL VICENTE

Bom. Eu era o Gil, o Gil...
O tal que faz os autos a el-rei...

JORNALISTA

Isso é certo, bem o sei.
Mas...

ARLEQUIM

Como conseguistes entrar lá nessas Cortes reais...

GIL VICENTE

Isso é história mui antiga...

Só vos digo: como vós, eu era gente do Povo.

Meu ofício foi ourives. E na rua onde lavrara o
dourado metal, eu e meus pares, nossas horas de des-
canso passávamos representando entremeses, autos, ou
loas à boa maneira antiga.

Amador/Nacional

ARLEQUIM

Não me digais que viestes, também, do Teatro
Amador (5)!

GIL VICENTE

Exacto!

Daí vim. Fazíamos teatro onde calhava: nos adros das igrejas, durante as procissões, nas catedrais e nos palácios dos senhores de então.

JORNALISTA

E quem subsidiava?

GIL VICENTE

Com essa é que eu não contava!
Subsidiava... Subsidiava... ninguém.
Era o Povo que pagava,
Se podia...

ARLEQUIM

Que grande rebaldaria!
Vamos a passo de lesma.
Quatrocentos anos depois
Prossegue tudo na mesma!...

JORNALISTA

E quem vos levou do Teatro Amador, para o Nacional... Quer dizer: para o Paço?

GIL VICENTE

D. Leonor, a que fundou as Misericórdias.
Era pessoa muito dada ao Teatro.

JORNALISTA

E como vos conheceu ela?

GIL VICENTE

Fui seu ourives. E tendo visto as representações que lá fazíamos, me encomendou ela o muito saudar o nosso príncipe que, então, nascera. Foi isto, vede bem, em 1502. Há quanto tempo vai! Eu próprio fiz de Vaqueiro nos aposentos reais, apresentando o meu *Auto da Visitação* à nova moda de Encina.

ARLEQUIM

E durante quanto tempo me trouxestes pela mão?

GIL VICENTE

Longo tempo, meu amigo. Mais de trinta anos fiz Teatro!

JORNALISTA

E sempre na Corte?

GIL VICENTE

Sim! Na Corte, ou para a Corte... o fiz.

JORNALISTA

Aristocrata... burguês!

GIL VICENTE

Que me dizês?

JORNALISTA

Que vos esqueceste do Povo donde viestes?

GIL VICENTE

Como podeis dizer tal cousa?!

Acaso viste, já, os meus autos e comédias?

Lembraí-vos, ora, do Lavrador, por exemplo?

CENA II

Romagem de Agravados

Vem João da Morteira, com seu filho Bastião e diz ⁽⁶⁾:

VILÃO (JOÃO DA MORTEIRA)

O deus não de São. (7)
Renego da sementeira! — *sem apoio*

Esta é forte canseira,

que me tira a devoção

de rezar, inda que queira.

Isto não vai para rezas ⁽⁸⁾, *ca não vem para rezar*

pesar de minha madраста!

que rezar, arrenegar,

mal dizer e contemplar

não cabem no mesmo saco ⁽⁹⁾. *não podem ser d'ua co*

Barriga vazia não ouve orações ⁽¹⁰⁾!

FREI PAÇO

De que te queixas, vilão?

VILÃO

De Deus, que é cousa provada,

me tem mui grande tenção ⁽¹¹⁾. *Que me tem grande tenção*

"mais orabilidade"

"mais compreensível pelo Povo a que nos diviguem

"excluído." "que disse a mesma coisa"